



at Biblioteca Nacional

Corte

Echo das Damas

ASSIGNATURAS	
CÓRTE	
Anno	108000
Semestre	63000
PROVÍNCIAS	
Anno	128000

ORGÃO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER

LITTERARIO E SCIENTIFICO

PROPRIEDADE DE
Amelia Carolina da Silva Couto

Collaborado pelas mais abalizadas Escritoras, Brasileiras e Portuguezas

OBSERVAÇÕES

Toda correspondencia e reclamações, devem ser dirigidos para a rua do Hospicio n. 107.

ANNO I

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1880

N. 6

ECHO DAS DAMAS

Rio, 3 de Agosto de 1880.

Eis-me outra vez na luta da imprensa.

Depois de uma pequena interrupção apparece com todas as galas o «Echo das Damas» para continuar a defender a causa a que se dedicou desde o seu principio.

Não venho com pretenções a colher louros na luta que vou travar, por que sei que não disponho de grandes recursos intellectuaes, mas contudo não me enfraquecerei, proseguirei sempre com coragem na causa a que me dedico.

Terei de lutar com muitas dificuldades, mas irei tanteando procurando o justo e o verdadeiro.

QUESTÃO RELIGIOSA.

E evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da familia e consequentemente da sociedade. A ella é que está affecta a obrigaçao de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanatico ou supersticioso, educará pessimamente os filhos e passima será a sociedade em que influir elles. A igreja catholica, isto é ultramontanismo, na louca cegueira do sua ambição nefanda, olhou sempre como o seu melhor auxiliar, como seu instrumento passivo a mulher, e apoderando-se d'ella pela confissão e pela predica, chegou a circunscrever no seu círculo de ferro, todo o gênero humano. E quando os espiritos livres soltaram seu grito de alarma, acordando as mães da dorle lethargia, e chaman-do-as para fora do predomínio acanhante dos falsos ministros de Deus, os aliliadores, os mineiros da consciencias frageis, não desanimaram, nem pelo contrario escogitaram novos meios que lhes asssegurasse os mesmos resultados. Puzeram para frente as irmãs da caridade, que pelo sexo a que

pertenciam, deviam ir exercer grande influencia sobre o espírito da mulher.

A irmã da caridade, destinada a ser o anjo tutellar dos moribundos, tornou-se a alavanca derrocadora da familia, ensinando-se do seio d'ella pela falsa educação religiosa.

Longe de ser o coração benigno levando o balsamo da abnegação as almas descrentes, ella fez-se o negro abutre que esfacella a fortaleza do espírito e trucida vilmente a intiereza de carácter.

A mulher está, pois totalmente acorrentada ao negro pelouro do jesuitismo, essa hydra que é necessário esmagar.

A crença religiosa, seja ella qual for, é uma necessidade para o espírito feminino, na nossa idade, mas essa crença deve ser aquella que brota spontanea no coração, como as flores sylvestres na agrura dos campos incultos; é necessário que seja a crença sem fanatismo, sem superstição, que é o que abate o espírito.

Estejam pois prevenidas as senhoras para rejeitarem, para execrarem todas as influencias jesuíticas.

Saihamos condennar em nome de nossos filhos, de nossos irmãos, de nossos maridos, o monstro que ahi está querendo subjugar-nos chamando-nos ao seu seio por intermedio dessas associações perigosas; sejamos catholicas, mas não ultramontanas; adoremos o grande Deus por meio das crenças que recebemos no berço, mas fujamos ao domínio das roupetas e digamos como o grande philosoph francez que se chame Voltaire: — ECRASONS L'INFAME!

E necessário demonstrar-mos que não somos essas estupidas, essas frácalhonas, que como dizem os homens, deixam-se facilmente illudir, deixam-se escravizar. A mulher de hoje, também estuda, também pensa, sabendo conhecer o que é util e o que é mau para familia. Ella também quer o progresso, também quer o engrandecimento da humanidade, pela realização das idéas modernas.

AMELIA C. DA SILVA COUTO.

As mulheres do século XVIII

FRANÇA

Não ha seculo cujos mysterios fossem mais desvendados, cujas aspirações fossem amplamente definidas, cuja litteratura fosse mais estudada e comprehendida, cuja sociedade fosse mais mudamente descripta pelos chronicistas elegantes da galanteria e do bom gosto, do que o seculo que teve em França Voltaire por Deus, por ideal a philosophia, por divisa o amor divisa o amor da humanidade.

Não caberia, nem mesmo em um livro, analyse desse tempo singular, que tinha em si, a paz suprema austerdade dos que apostolizam, a ironia cortante dos que não crêem; a par das lagrimas apaixonadas dos que padecem, a frivolidade pueril dos que de tudo riem; desse tempo que sonhava com a perfeição submergindo-se no vicio, como Rousseau, o seu fiel protótipo, sonhava uma paternidade ideal, engravidando seus filhos; desse tempo do tranzito e de vigorosos contrastes, philosophia e de loucura, de raciocínio frio e de utopias realisaveis, de sensibilidade e de sarcasmo, de morto e de renascimento!

Não é, pois, desse tempo que vou fallar, mas sim das mulheres que sobre elle tanto influiram: porque é preciso que se saiba que as mulheres foram uma das primeiras potencias desse seculo, que despedaçou todos os jugos para se deixar escravizar pelo jugo da intelligencia. Em Portugal não se comprehende bem o que era em França a sociedade elegante, perfumada, instruida, a um tempo leviana e philosophia, que ria e declamava, que fazia espírito e litteratura nas cinco ou seis salas illustres d'aquelle epoca. A nossa vida social não se coadunava com costumes, nem sobem tão alto as aspirações das poucas mulheres superiores do nosso paiz; mas os que tem folheado as chronicas e as memorias do seculo XVIII, conhecem a influencia profunda que durante elle as mulheres exerceram sobre as letras, e as salas exerceram sobre as academias.

As principaes celebridades litterarias sujeitavam as suas mais queridas e mais elevadas produções à critica, sempre superficial, e raras vezes justa dos *belloz espíritos* da sociedade. Voltaire, o talento mais independente, Rousseau, o caracter, mais orgulhoso, Monsesquieu, o pensamento mais profundo, prestaram homenagem a grande realze social e abdicaram ante ella a que o genio lhes conferira a elles; o nome de Bernardin de Saint-Pierre não ligou alcançar a celebridade e a sympathia, em quanto *Paulo e Virginia* não impressionou os nervos delicados da *cotirie* feminina, que então dominava a opinião da França.

Os convidados de Madame Geoffrin, que foi quasi uma instituição do seculo, faziam e desfaziam reputações litterarias, com a facilidade com que uma das nossas mais modestas formaturas do seu *crochet*, o isto entre a viva fuzilaria dos olhares maliciosos, dos cedocitos alambicidos e dos epigramas finissimos.

Madame du Chatelét, a sábia Marqueza que estudava os astros, traduzia Newton e namorava Voltaire, e criticava as obras de seu amante, e trazia atraz de si, orgulhada pela admiração e pelo affecto, essa aguia que tanta vez a eslera e o deserto converteram em abntre.

Mademoiselle de Sespinaise, feia, plebeia e pobre alcançou a celebridade pelo espirito, e o imperio pela sua influencia sobre um dos mais illustrados collaboradores de *Encyclopedie*, d' Alembert, o filho abandonado dessa outra illustração feminina, que se chamou Madame du Tencin.

A sua sala, se não foi o mais regular, foi um dos dos mais illustres centros da litteratura e do espirito, centro a que ella presidia com as inimitaveis graças do seu talento encantador.

Destacava-se a figura desta mulher dentre as que a rodeavam e lhe brilhavam ao pé, pelo vigor apaixonado da sua natureza incontestavelmente superior.

Perdeu-se, ainda bem que se perdeu no fim de contas, o modelo da mulher desse tempo, mixto de leviandade quasi immovel, e de profundeza quasi pendente, prezado por um lado as recordações da regencia, e pelo outro as aspirações da philosophia; Mademoiselle Sespinaise, porém, se sacrificou alguma causa ás exigencias da época, conserva-se ainda aos nossos olhos sympathica, espontanea e original.

Resta-nos della um volume de cartas ao homem que amou, com o arrojo febril com que souberam amar as heroínas pagas da tragedia antiga.

E se não fora um outro toque, que

revela a admiradora de Rousseau, ninguem ao ler estas cartas conheceria qua foram escritas por uma contemporanea — o sentimentalismo pendente, da declamação philosophica, da sensibilidade convencional, e tudo isso reinava então, porque se roubarmos o catalogo do seculo XVIII a *Manon Lescante* e *Paulo e Virginia*, não acharemos outro livro em que a paixão se revelle profunda e verdadeira.

Ao lado de Mile de Sespinaise, de quem foi amiga e depois rival, acha-se Mme du Deffaud, um dos classicos mais puro do seu tempo, no dizer da Saint-Beuf, que pela nitidaz e firmeza do estylo a pôe ao lado de Voltaire.

Era timivel o seu espirito, corrosiva a sua ironia, respeitada por inimigos e amigos a lucidez do seu espirito, e a firmeza da critica.

Além destas de que fallamos e em uma plana menos elevada, temos Mme. de Epinay, a amante de Grimm, Mme. de Graffigny, a authora das *Cartas Perurianas* e de outros livros igualmente esquecidos hoje, Mme. de La Tour Franqueville, a admiradora apaixonada de Rousseau, e muitas mais, cujo nome individual não nos foi transmittido, mas que formavam collectivamente uma potencia temida e adorada pelos philosophos mundanos e pelos homens do mundo, philosophos daquelle seculo essencialmente litterarios, como todos os seculos da decencia.

Não citei Mme. de Staal Delaunay, a sarcastica e espirituosa criada da Duqueza de Maine, por dous motivos, ambos justos: o primeiro é porque ella não pertenceu nunca á pleia de illustre de que eu tratei aqui; o segundo é porque as suas memorias, escritas em delicado e finissimo estylo, mereceram a Fontenelle esta justa apreciação — *Cela est bien écrit, mais cela ne valut pas la peine d'être écrit.*

Eu por mim, declaro-o francamente, que a nova geração tem calumniado, sem se lembrar do muito que lhe deve, o sympathiso com essas mulheres que a litteratura nos apresenta muitas vezes sob um aspecto revoltante, sem se lembrar do entusiasmo apaixonado com que elles a levantaram á altura de uma instituição sagrada.

São elles, as graciosas Marquezas do velho regimen, empoadas, almiscaradas, risonhas e ironicas, que saudam com o phrenesi de uma admiração sublime, o velho poeta de Ferney, que vem cheio de annos e de louros, receber na representação da sua ultima tragedia, a explosão febril do seu ultimo e supremo triunfo; são elles que consolam a grande alma entristecida de Rousseau, da brutalidade sys-

tematica de uma perseguição absurda, porque nem tinha a convicção do mal; são elles que sonham na liberdade em um mytho esplendido, e que morrem depois na guilhotina animozas e altivas, sem comprehendêrem talvez que tinham ajudado a crear o monstro que a devorava, mas redemindo as fraquezas de sua vida com a força, com a supremia resignação, com o esteticismo elegante da sua morte.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

LITTERATURA

A lei de Deus

As leis sabias e justas engrandecem as nações e civilisam os povos.

Esparta, Athenas e Roma muito prosperaram com as leis que lhes deram Lycourgo, Salon e Numa.

Grata aos benefícios que estes legisladores fizeram á sua patria, a historia tem feito seus nomes e os de outros sabios, igualmente respeitáveis, atravessar os seculos, e cercados por una auréola de glórias, serão conhecidos até pelas ultimas gerações, e suas memorias serão respeitadas por todas as nações civilisadas.

As leis geriam os povos para a felicidade, debaixo de sua protecção dorme descansado o fraco; é protegida a prosperidade do rico, e conservada immaculada a reputação do homem honrado, que campre os deveres do seu cargo.

Sem as Leis não poderiam os povos viver em paz, nem mesmo seria possível existir sociedade.

Quanto mais necessarias e uteis couñecemos que são as leis, mais convencidas ficamos que o cidadão é obrigado a submitter-se a elles.

O que as observa e respeita é virtuoso; o que as transgride é mao cidadão é criminoso: o primeiro merece premios, o segundo quasi sempre paga a sua audacia por um elevadissimo preço, perdendo o que tem de mais precioso, a reputação, a liberdade e ate a vida.

Se as leis humanas são tão uteis e veneraveis e tão pesadas e rigorosas são as penas dos que as transgridem, despertam a compaixão e são por todos lamentados, qual deve ser o nosso respeito e acatamento para as leis divinas, tão necessarias ao bem estar da humanidade, e quem poderá comprehender as penas que incorrem os transgressores da lei scripta pelo mesmo Deus?

O código sagrado contem em tão

poucas linhas os deveres do homem e o seu direito, que o violador tornasse indesculpável de sua infracção, pois a ignorância de suas obrigações já seria um crime, porque os mandamentos são apenas dez, e estes se encerram em dous, e toda a lei reduz-se a um só preceito, que é o de—Amar.

Mui culpado é o transgressor de tão doce preceito, e longe de atenuar, agrava a sua culpa, a que quer desculpar-se com a ignorância, porque prova o seu desprezo no cumprimento de seus deveres, que nem curou de aprendê-los, sendo-lhe isto tão fácil e obrigatório.

A lei de Deus manifesta brilhantemente a soberania, a bondade e a sabedoria divina.

A sabedoria divina revela-se, porque só estas leis e que podem ser observadas por todos os povos do universo, qualquer que seja o seu grau de civilização, a sua forma de governo, e em todas as épocas, no tempo da paz, e da guerra, o legislador que as escreveu é por conseguinte o *Soberano Universal*, e o seu domínio estende-se a todos os povos e a todos os tempos.

A bondade de Deus brilha em suas leis, porque elas só se compõe de suaves preceitos, de cuja observância nascem a felicidade, a saúde, a prosperidade, a paz da alma na terra, e nos garante a bemaventurança no céo.

«A lei do Senhor é doce, e o seu jugo é suave» diz o evangelista.

A lei do Senhor ordena, que sobre todas as coisas, amemos ao nosso Deus. Feliz é o filho de Adão, a quem o Senhor destina tão elevadas horas. Não só o criador do céo e dos astros, o rei dos anjos e dos homens permite, mas ordena que o homem o ame. Admirado de tão sublime grandeza a que é destinado, o homem ama a Deus com toda a alma, logo que começa a contemplar a bondade, a formatura de seu *Pae Celestial*, e no meio do estasi de seu amor, elle ouve este santo amor, elle ouve este santo e ineffável preceito: — Amando-me tu, cumprirás o primeiros dos teus deveres, e o maior dos mandamentos.—O bondade divina, quem não te amará?

Depois deste preceito, dá-nos o Senhor outro que é igual a este: — Amarás a teu proximo como a ti mesmo.—Amar e ser amado por seus irmãos com todas as forças e de todo o coração, é este segundo preceito o complemento do primeiro. Lei divina, lei de amor; só Deus, poderia amar tão perfeita e suave legislação.

E se o proximo não fôr sempre amável e acontecer offendê-los, para

prevenir noss odio, Deus disse-nos: — Perdóa a teus devedores, para serdes perdoados de vossas dívidas per vosso Pai Celeste.

E para que não offendamos uns aos outros, Elle nos disse: — Não faças aos outros o que não queres que elles façam.—Prohibindo as perseguições, as injustiças e vinganças, Deus livrou-nos de sobressaltos, temores, e pelo que tranquillamente venes correr nos dous, sem medo do punhal do assassino e da violencia do ambicioso sedento de ouro.

Emfim, a sabedoria de Deus manifesta-se pelas perfeições de suas leis. Todas as legislações tiveram em vista o bem estar dos povos e o respeito aos direitos das cidades; porém, só a legislação divina pôde errar o mal pela raiz. Prohibindo o furto, Deus condena a cobiça dos bens alheios que leva à aprederação injusta da propriedade de outrem, prohibe o homicídio, e para o prevenir infallivelmente, condena o desejo da vingança, que arrasta o assassinato, e assim impede o crime, suffocando no coração os maus sentimentos, que poderiam produzir.

A justiça humana só pune os crimes consumados, e muitas vezes, errando o golpe, ella deixa cair a sua espada sobre a cabeça do inocente, deixando impune o culpado. Livre destes fatais enganos, a justiça divina só castiga o culpado, e nenhum lhe escapa; e se a falta é só interna, e não passa de má intenção, então o culpado é julgado por um tribunal secreto, porém rigoroso; este tribunal é — a consciência — e o remorso é a pena que elle impõe ao culpado.

A Lei é (segundo definem) um preceito heral, justo e permanente, publicado pelo interesse de uma sociedade, por aquelle que tem direito de governar.

A lei de Deus é, como as leis, um preceito, mas a de Deus é um preceito mais heral, porque ella ordena a prática de todas as virtudes, e condena todos os vícios e tudo o que a elles pôdem conduzir. E' preceito tão extenso que a este está sujeito o corpo e alma: a recompensa dos que o observam vai além do tumulo, e a morte não é a ultima pena dos seus transgressores. E por isso, é mais respeitável do que todas as leis humanas, que as têm poder sobre o homem durante a sua curta e rapida passagem sobre a terra.

A lei de Deus, é a mais justa de todas as leis; ella é, como diz a *Escriptura*, sem macula, e derrama a alegria nos corações, luminosos são os seus preceitos e ilustram as almas.

O filho de Deus nos deu uma sublime lição de justiça, e uma grande prova do amor que elle tinha a essa virtude, quando disse: — «Dê a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar». A lei de Deus é justa, e della nasce toda a equidade.

Ella é de todas as leis a unica que é verdadeiramente permanente. Passarão o céo e a terra a ella subsistirão sempre. Em seus dogmas, preceitos e moral, será inmutável. Ella é o que foi e o que será sempre, o vicio que condenou uma vez, condenará sempre as mesmas virtudes.

A lei humana continuamente sendo reformada, sofrendo emendas e revogações, terá de passar por muitas transformações e nunca chegará à perfeição desejável, porque é natural a imperfeição nas obras dos homens. Só a lei de Deus pôde ser permanente, porque só ella é perfeita. A lei de Deus é o grande interesse para a sociedade. Mandando-o evitar o que pode perturbar a ordem e a paz pública e particular, ordenando a pratica de tudo que facilita o homem e engrandece a sociedade, ella concorre pela sua moral divina para a conservação da sua e florescimento das artes, indústrias e desenvolvimento das virtudes; a lei de Deus é, pois, como diz o livro santo: — «Mais para desejar que o ouro e as pedras preciosas; e mais doce que um favo de mel». O servo do Senhor, que guarda a sua lei, acha grande recompensa em sua observância. E' a unica lei que pôde concorrer para a perfeita felicidade dos Estados.

Finalmente, ninguém tem mais direito de governar do que Deus, que é o Creador, o Conservador, o Rei e o Senhor do gênero humano: se os senhores tem direito sobre os seus escravos, os pais sobre os filhos, os reis sobre os vassalos, Deus tem também sobre o homem, pois entre este e Deus existem todas aquellas relações.

Para finalizar, diremos, que sendo a lei de Deus tão justa, e que sendo nós obrigados a sujeitar-nos à ordem do supremo Legislador, devemos concluir que chegariamos mais depressa ao grão da civilização que todos aspiram, se procurassemos observar fiel e simplesmente os mandamentos da lei de Deus.

Não é na multiplicidade de leis que está a civilização e moralidade de um paiz, mas sim no respeito e fiel cumprimento dessas leis.

O povo que observar com fidelidade a lei de Deus, observará também as de seu paiz, e d'ahi nascerá o respeito para as autoridades e o terror do crime. Esse povo será feliz, facil de governar-se e bem depressa chegará

a prosperidade ; mas o que não teme a Deus e viola as suas santas leis, não respeitará também as leis, nem as autoridades de sua pátria, e zombando das penas, não trepidará em cometer todos os crimes.

Não são as autoridades eclesiásticas que devem zelar pela observância da lei de Deus ; as autoridades civis que amarem a sua pátria e desejarem a felicidade de seus concidadãos, devem trabalhar para que estes aprendam e observem zelosamente tanto as leis de Deus como as do paiz.

E muito desejo que assim aconteça no Brazil.

D. EMILIA AUGUSTA PENEDO.

POESIA

Devaneio.

Nuvem mimosa que corres
Tão sózinha pelos ares !
Porque não desces, não vens
Ameigar os meus pezares ?

Estrella que longe brilhas
Nos seios da cerração,
Porque não doces, não vens
Consolar meu coração ?

Briza adorosa da tarde
Que embalas a flor do rio,
Porque não levas minh'alma
Envolta no teu cicio ?

Correm as nuvens douradas
Pelo fagueiro arrebol,
Mas para o triste que chora
Não ha perfumes, nem sol.

Brilham os astros suspensos
Pela bafagem de Deus ;
Mas para o triste proscripto
Não ha luzeiros nos céos.

Longe da pátria que adora,
Embalde busca ventura ;
Nos dias idos e vindos
Só vê perenne amargura.

Eu sou como a flor que morre
Por falta de viração ;
Sou como o pobre proscripto,
Perdido na cerração.

Hontem na infancia eu sopria,
Sorría ás mimosas flores ;
Hoje a descrença invadiu-me,
Da vida nos vãos fulgares.

Em balde pergunto ao vento
Se ha flores na soledade ;
O vento lá foge, voa,
Se perde na escuridade !

Embalde pergunto em risos
Fazer reviver minh'alma ?
Meu éstro se curva triste,
Dos mortos beijando a palma !

Eu sou como a flor que morre
Por falta de viração ;
Sou como o pobre proscripto
Perdido na cerração.

D. JULIA MARIA DA COSTA.

ANNUNCIOS

COLLEGIO

Almeida Bastos

PARA MENINAS

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA
INTERNATO, SEMI-INTERNATO E
EXTERNATO

269 Rua do Conde d'Eeu 269

D. MARIA FORTUNATA D'ALMEIDA BASTOS, directora d'esta bem conhecido estabelecimento, abriu no mesmo e completamente em separado das meninas uma secção especial de estudos para meninos de 5 a 10 annos de idade, além de uma outra classe unicamente para os que pretendem fazer exame de admissão no Imperial Collegio do Pedro II, ou aprender quaisquer outras disciplinas; tudo por preços mui modicos, e sob a direcção do proprio marido da directora, auxiliado por professores autorisadíssimos.

DR. FORT. — Dá consultas de medicina e cirurgia, ao largo de Santa Rita n. 14, todos os dias, da 1 ás 3 horas da tarde. Chamados por escriptos.

DR. DRUMOND FRANKLIN & C. — C. Ruado Hospicio n.87, das 11 á 1 hora da tarde. R. rua do Rio Comprido, n. 2.

DR. HENRIQUE DE SA'. — Tem o seu consultorio á rua 1º de Março n. 20, das 8 ás 11 horas da manhã.